



## **E aqueles olhos de comer... Uma perspectiva crítica sobre a fragilidade das relações humanas na pós-modernidade <sup>1</sup>**

Thays Helena Silva TEIXEIRA<sup>2</sup>  
Orlando Maurício de Carvalho BERTI<sup>3</sup>  
Universidade Estadual do Piauí, PI.

### **RESUMO**

Este trabalho aponta as perspectivas teóricas que foram utilizadas para a construção e elaboração da crônica **E aqueles olhos de comer...** A proposta do texto é refletir cientificamente como as relações humanas e os valores mudaram conforme o tempo e a necessidades sob a ótica do jornalismo opinativo. A utilização da comunicação como ferramenta para as transformações das relações sociais dentro daquilo que se compreende até então como pós-modernidade e como isso afeta diretamente o homem em seu convívio social micro e macro.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; jornalismo opinativo; crônica; comunicação; pós-modernidade.

### **INTRODUÇÃO**

As relações humanas são aquilo que move a vida do homem em sociedade. Por causa desses movimentos é que as diferenças e as ansiedades são postas à tona e evidenciadas com mais ou menos intensidade. Todos precisam de muitas coisas para sobreviver; máquinas, dinheiro, amor, amizade, felicidade e infinitas outras necessidades poderiam ainda ser citados sobre aquilo que rodeia o homem em seu contexto social.

Com o propósito de problematizar a falta de consistência das afetividades humanas e dos reais motivos que nos fazem questionar os nossos desejos e buscar outros horizontes que fujam da realidade de vivência a qual estamos acostumados, propôs-se a elaboração da crônica, **E aqueles olhos de comer...** A principal meta era observar o que o contexto ao redor das relações humanas acrescenta a cerca do que seja a felicidade, e do que é preciso para atingi-la e se esse seria efetivamente um desejo que valha a pena.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade: Produção em Jornalismo Opinativo.

<sup>2</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo e Relações Públicas na Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: [thayshsteixeirajornalista@gmail.com](mailto:thayshsteixeirajornalista@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor e pesquisador do Curso de Comunicação Social – Jornalismo e Relações Públicas na Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Doutorando em Comunicação Social pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: [orlandoberti@yahoo.com.br](mailto:orlandoberti@yahoo.com.br).



O primeiro questionamento sobre a felicidade surgiu após a leitura de *O imaginário da cidade*, escrito pelo teórico francês Michel de Certeau, que congrega em suas linhas o pensamento sobre o que venha ser imaginário, felicidade, vida na cidade e o entrelaçamento de todos esses elementos para o cotidiano e a convivência com ele.

Contudo, o discurso imaginário que circula na cidade não cessa de falar na felicidade. Devemos, portanto, perguntar-nos: exílio ou criatividade, alibi ou obra da invenção? O que essas formas atuais nos ensinam, pois, acerca da felicidade? (DE CERTEAU, 1995, p.42).

Essa foi a pergunta crucial para o estalo criativo de composição do texto. Outras referências fundamentais podem ser sentidas ao longo da leitura da crônica como é o caso de Chico Buarque de Holanda (1967;1980), bem no início do texto com a citação da emblemática Geni, de Geni e o Zepelim e em seguida com a alusão que é feita a música Roda Viva. Caio Fernando Abreu (2006), com as referências da roda, apresentadas na crônica A Dama da Noite. Graciliano Ramos (1998), e a eternizada cachorrinha Baleia. Edgar Morin (1997) e a sua intempestuosa teoria dos Olimpianos. Stuart Hall (1998) no momento em que ele aponta o colapso das identidades. E finalizando, Zigmunt Bauman (1997; 1998; 2004), com dois elementos fundamentais para o texto, o de liquidez e o de mal estar que é encontrado nas sociedades pós-modernas.

Com todos esses pressupostos teóricos e com um enorme desejo em congregar em um só lugar uma reflexão sobre todos esses elementos é que o texto foi possível. O fato da escolha de uma crônica se deveu pela aptidão da autora em compor esse tipo de texto, da mesma forma que se entende este tipo de composição como a que melhor se encaixa com a reflexão levantada para este projeto experimental.

O título **E aqueles olhos de comer...** é uma alusão ao desejo pela felicidade e sobre tudo aquilo que se faz na tentativa de se atingir os desejos. “Aquilo que mais vemos não define hoje aquilo que mais falta” (DE CERTEAU, 1995, p.43), e por causa disso é que olhos, de modo figurado, vão a busca de novos caminhos. É justamente nesta busca, em que nos focamos para a elaboração da composição e do que realmente é feito para se atingir um propósito.

A finalização se dá sentido de refletir sobre as reais necessidades dos seres humanos no contexto de seu cotidiano de relações sociais e dos valores agregados por meio de comunicações, sem citá-los de forma direta e sim por meio de alusão, meio que oculta a



eles, indicando como esses mecanismos podem interferir nas decisões de uma pessoa comum.

Frisa-se que em momento algum a proposta do ensaio crônico é delimitar o que seja certo ou errado, ao mesmo tempo ditar regras de moralidade. O ensaio experimental se propõe a uma reflexão crítica sobre a fragilidade das relações entre os humanos dentro do que se compreende por pós-modernidade como um tempo histórico e atentando para a vida social, nas micro-relações e de como elas são componentes do universo macro.

## **2 – OBJETIVO**

### **2.1 Geral**

Compôr uma crônica que refletisse sobre a fragilidade das relações humanas. A proposta é que fossem considerados assertivos teóricos como felicidade, liquidez, mal-estar na pós-modernidade e olímpicos, todos reunidos em uma composição para opinar de modo crítico como os moldes sociais criam desejos frágeis e manipulados.

### **2.2 Específicos**

- Elaborar uma crônica jornalística de caráter opinativo
- Inter-relacionar os conceitos teóricos que são aprendidos na academia e nas salas de aula com a atividade prática do jornalismo opinativo.
- Refletir de maneira teórico-prática sobre como os seres humanos vivem seu cotidiano, suas relações, como atores sociais e de que modo elas podem ser positivas ou negativas e afetadas pelos processos de comunicação.

## **3 – JUSTIFICATIVA**

Sobre todos os motivos que poderiam causar a produção deste projeto experimental, o principal deles, e que talvez seja o motivo fundamental de qualquer projeto, é que a pesquisadora se sensibiliza com o tema estudado e com o elemento prático final.

Esse sentimento se deve primeiro porque a crônica (Estilo de escrita), juntamente com todas as características agregadas a ela como um ramo da comunicação, muito interessa. Segundo porque seu desenvolvimento prático é eficiente e de fácil acesso ao leitor, uma ferramenta da comunicação social que não agrega grandes recursos financeiros para se perpetuar e atingir o público-alvo.



E finalmente, porque há muito a se compreender a respeito do modo como as teorias são reflexos do contexto social. Nenhum dos teóricos e escritores utilizados como referências para a elaboração do texto partiram do nada. Todos eles compuseram seus textos observando o cotidiano social e as relações humanas e qual eram os sentidos lógicos da atuação dos homens como seres sociais.

O texto pretendia entender como os homens podem realizar seus desejos e como essa realização é transformadora. A tentativa era elucidar de forma prática como o conceito de Olimpiano de Edgar Morin (1998), molda os desejos das pessoas comuns mistificando sua visão sobre as suas reais necessidades e desejos. Demonstrar que a efemeridade da satisfação provocada pela conquista, era um reflexo das relações inter-pessoais também foi um dos motivos substanciais para a composição de **E aqueles olhos de comer...**

#### **4 – MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Este projeto experimental propôs uma abordagem teórica-prática do jornalismo. Isso é evidenciado no momento em que se escolheu uma ferramenta prática como elemento de conclusão de uma reflexão crítica e depois porque a técnica da escrita textual é uma arma típica da profissão do jornalismo.

A presente perspectiva crítica teve como base elementar a pesquisa bibliográfica que influenciou todas as partes da elaboração experimental. “Na medida em que der o embasamento teórico do trabalho, justamente por causa desse embasamento é que a pesquisa bibliográfica se faz fundamental na proposta de pesquisa científica” (STUMPF, 2007,p.51), o que possibilitou o entrelaçamento de todos os aportes teóricos na composição da crônica.

Ora, os motivos elementares para manter e utilizar a pesquisa bibliográfica constou em fazer um histórico sobre o tema, atualizar-se a respeito da problemática questionada encontrando assim o caminho lógico e as ferramentas que proporcionaram sentido a composição textual.

O entendimento provocado pelos estudos bibliográficos e teóricos permitiu a linha do tempo da crônica, isso significa o alinhamento de introdução, desenvolvimento, e conclusão, na ordem aplicada e não em outra.

A fase seguinte foi a da efetiva prática, ou seja, utilizar o método de escrita jornalística conhecida como crônica. O texto trata-se de uma narrativa e por causa dessa característica é impreterivelmente em primeira pessoa. Apresenta uma lógica temporal, de



começo, meio e fim, o seu discurso é uma linha tênue entre o jornalismo e a literatura, porque se utiliza de elementos dessa última, como as figuras de linguagem e outros elementos.

O critério da subjetividade não é abandonado e esse elemento pode ser identificado em vários momentos da narrativa, justamente por isso é que este tipo textual se encaixa no crivo do opinativo. A técnica da crônica foi à escolhida principalmente porque todas essas características se encaixavam nitidamente com a tentativa reflexiva a qual foi proposta.

## 5 – DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Como se trata de um produto jornalístico textual, sendo unicamente este o seu modo de propagação, optou-se pela descrição do produto final. A proposta é permitir um encaixe entre os conceitos e autores utilizados em consonância com a produção textual experimental.

**E aqueles olhos de comer...** é uma crônica jornalística que questiona o modo de vida das sociedades e as representações que os seres humanos tem de si mesmos. A problemática insatisfação e a luta sem fim por coisas que parecem inatingíveis. O texto é construído em seis parágrafos seguindo a linha cronológica da vida de uma pessoa qualquer que no texto não possui nome. A decisão por não escolher um nome se dá justamente para enfatizar a proposta de que cada vez menos as pessoas têm suas identidades enraizadas.

A descrição será baseada nos conceitos utilizados em cada parágrafo da crônica. Parte-se , então do 1º parágrafo, seguindo a linha do tempo:

Nem uma Geni, nem uma Baleia, personagens eternizados. Era igual a todos nós, nem a ressalva de ser um olimpiano, não possuía grandes perspectivas de um futuro genial. Todo o dia comia, dormia, levantava-se, ralhava com os filhos, fazia amor. E na mais rotineira rotina resolveu se desvencilhar da sua liquidez monótona do dia-a-dia. Prontificou-se a aprender utilizar o computador, e a realizar loucuras passionais. Queria tornar-se um deles, igualzinho, com um lugar de destaque nesta terra (TEIXEIRA, 2010, p.1).

Como se percebe, neste primeiro parágrafo Chico Buarque de Holanda e Graciliano Ramos são chamados, quando se faz uma alusão a dois personagens eternizados pela literatura brasileira, chamando atenção ao fato de que o personagem não era ninguém que fosse lembrado até então como alguém eterno. Em seguida essa lógica se torna mais clara quando afirma-se que nem um “olimpiano” ele era. Ora esse é o conceito apresentado para

humanidade por Edgar Morin, “por meio de sua dupla natureza, divina e humana, é certa a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação” (MORIN, 1997, p.107).

De forma implícita usa-se a decisão de mudança como algo que veio pelo desejo que os meios de comunicação provocam via o endeusamento causado sobre as pessoas famosas, por isso o personagem absorve para si a vontade de ser um olímpiano também, ele queria ser um deles, um deus e ocupar seu lugar no Olímpo, ou na Terra como é o caso. Já dizia Michel de Certeau, “Existir é ser visto” (DE CERTEAU, 1995, 43).

No segundo parágrafo:

O que poderia fazer então para atingir o posto que seus olhos passaram a desejar? Por causa dessa vontade substancial iniciou seu caminho com aquilo que poderia ser mais barato e ao seu alcance. Matriculou-se num desses cursinhos que custam pouco e que promovem o ensino médio em seis meses, até então só conhecia a oitava série e muito mal cursada por sinal. Que desanimar que nada, aprendeu a ler, e já com as palavras conhecidas por ele, espalhou por muitos lugares o papel com suas referências (TEIXEIRA, 2010, p.01).

Mesmo não apresentando uma alusão direta como foi o caso do primeiro parágrafo, esse é o momento onde são apresentados as ações que o personagem toma para a sua pretendida transformação, a modificação da sua rotina remete a noção de colapso, Halliana, que as sociedades atuais fomentam para que alguém comum atinja o patamar de um deus do Olímpo.

... as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 1998, 09).

Sem nenhuma dúvida esse é o ponto chave de todo o questionamento, a crise dos homens perante as suas vidas. Depois seguimos para Bauman, quando ele diz que:

É pouco provável que essas formas, quer já presentes ou apenas vislumbradas, tenham tempo suficiente para se estabelecer, e elas não podem servir como arcabouços de referência para as ações humanas, assim como para as estratégias existenciais a longo prazo, em razão de sua expectativa de vida curta: com efeito, uma expectativa mais curta que o tempo que leva para desenvolver uma

estratégia coesa e consistente, e ainda mais curta que o necessário para a realização de um “projeto de vida” individual (BAUMAN, 2007, p. 07).

Nesse momento toma-se contado com os dois conceitos elementares que são utilizados na composição, Bauman coloca a sua compreensão de líquido e que os tempos atuais seguem esse lógica, de fato absorvemos esse conceito.

No terceiro parágrafo:

De fato um retirante que regalou os olhos para os seus desejos, um tanto tarde. Agora já sabia ler, usar o computador, e amar de maneira diferente. Só faltava o lugar de destaque nessa terra, eis aí seu maior desafio. Passou na frente de um teatro, e seus olhos pareciam comer cada canto da arquitetura, cada pequeno detalhe da pintura, da decoração e das letras dos cartazes que agora conhecia com intensidade e a vivacidade que elas provocam em todo novo saber (TEIXEIRA, 2010, p.01).

Esse parágrafo é a concretização da absorção das referências teóricas pelo personagem, é o momento em que ele já não se reconhece como antes. O seu mundo já não comportava mais o seu saber e muito menos os seus desejos. Ele encontra o mal-estar. “Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.” (BAUMAN, 1998, p.10).

No quarto parágrafo retoma-se a um autor e faz-se alusão a outro:

A peça em cartaz era a Roda Viva. E ele desejou fazer parte desta roda, e desta vida com uma monstruosa vontade que seus órgãos e víceras poderiam ser servidos como comida, do lado de fora do corpo. – É isso que eu me tornarei, um pedacinho da roda – e correu, correu, correu, atravessou a rua, acompanhou o movimento e subiu ao palco. Lá estava ele, com seu lugar na terra, sendo aquele que rege seus próprios caminhos e sua própria vida sem que ninguém ficasse ao seu ouvido, lhe dizendo o que fazer (TEIXEIRA, 2010. p.01).

A retomada de Chico Buarque de Holanda, com o título da música “Roda Viva”, e uma intrínseca paráfrase de Caio Fernando Abreu, numa crônica escrita por ele intitulada *Dama da Noite*, na alusão de estar “rodando na roda”. Nos textos desses dois autores podemos encontrar uma explicação sobre como os seres humanos são ludibriados com os desejos e com o conteúdo que as mídias modernas transmitem. Em *Dama Noite*, Caio Fernando também chama atenção para o fato, de que mesmo em meio a uma multidão de pessoas ainda assim é possível estar só, até mesmo porque estamos mergulhados num mal-estar líquido. O personagem acha que encontrou a liberdade.

Enveredando pelo quinto parágrafo:



E como todos nós, inclusive os olímpianos, ele deslumbrado não percebeu que ninguém rege nada, e quão mais alto seu posto maior seus compromissos e seus deveres. Ele não mais comia, dormia, levantava-se, ralhava com os filhos, fazia amor. Agora ele era palco, ele era roda, e só sabia rodar, rodar, rodar, e encontrou no seu lugar na terra, uma gigantesca falta de vida e sentiu uma tremenda vontade do passado. Pareceu querer tudo de volta (TEIXEIRA, 2010, p.02).

Nesse momento o contato é com a falta de solidez de nossas relações e de nossas vidas. É aqui que o conceito de líquido Baumaniano faz sentido. Sobre isto, os laços humanos, o sociólogo relata:

Os laços inter-humanos, que antes teciam uma rede de segurança digna de um amplo e contínuo investimento de tempo e esforço, e valiam o sacrifício de interesses individuais imediatos (ou do que poderia ser visto como sendo do interesse de um indivíduo), se tornam cada vez mais frágeis e conhecidamente temporários (BAUMAN, 2007 , p.09).

Nesse momento compreende-se que a pós-modernidade construiu uma infinita fragilidade das relações e que é justamente essa falta de estrutura rígida que promove um mal-estar. Isso é clarividente quando se chega ao parágrafo conclusivo da crônica:

Já não podia descer do palco e pelo que fazia iria continuar lá por longos anos. Ele esqueceu que os seres humanos tem valor pelo que são e não pelo dinheiro que acumulam numa conta bancária, esqueceu que é belo observar o crepúsculo depois um longo dia de trabalho, que os filhos são o amor e que o amor pode ser cansativo ao mesmo tempo que é extasiante, a vida é um cotidiano de pequenas coisas, e que estas são a felicidade e o lugar na terra. (TEIXEIRA, 2010.p 2)

A opção por uma conclusão aberta, é na tentativa de permitir ao leitor a possibilidade da interpretação. As relações estão frágeis devido a uma construção líquida que os homens permitiram no tempo da pós-modernidade. A proposta neste momento foi de desconstruir todos os preceitos anteriores que encurralam o homem no mal-estar. Apesar de nítida a existência de uma sociedade sem laços rígidos entendemos que esta é uma construção humana coletiva, e que muitos indivíduos ainda não estão imersos na liquidez absoluta.

Essa maneira escolhida para a conclusão do texto é uma construção firmemente opinativa, uma vez que mesmo a autora concordando com os preceitos teóricos apresentados há uma discordância da impossibilidade de se viver de maneira diferente. Imagina-se que o maior legado da pós-modernidade de fato seja a ambivalência.

## **6 - CONSIDERAÇÕES**



Uma tentativa de compreender o modo de vida das sociedades contemporâneas foi posta em voga no momento em que começou-se a elaborar o projeto experimental de jornalismo opinativo que foi apresentado. Por causa desse desejo é que foi permitido elaborar uma linha de raciocínio com teorias da comunicação, da sociologia, da antropologia, em meio a referências de nomes da literatura e da música brasileira.

Com o caráter opinativo que nos é dado pelo gênero jornalístico da crônica, o entrelaçamento desses conceitos foi mais viável. Apesar de não demandar grandes valores financeiros esse projeto experimental requereu muito esforço, inclusive na elaboração e construção do ensaio crônico.

Depois de todos os aportes teóricos alinhados, e entrelaçados foi possível elaborar uma linha do tempo fictícia, que construiu um personagem ilustrativo e arquetípico, uma vez que ele não apresenta características exclusivas, ou próprias de um indivíduo em específico. Com essa ferramenta envereda-se por uma reflexão sobre a solidez dos laços humanos e da ilusão causada por um mal-estar da pós-modernidade, que é viável por causa do uso dos meios de comunicação, quando estes enfatizam os olimpianos.

Por causa desses questionamentos e pontos reflexivos chega-se a um entendimento de como devem ser as construções das relações dos homens e a tentativa de encontrar um escape para esta lógica, como pode ser observado com o parágrafo conclusivo do ensaio experimental. Ao final de tudo, observa-se que a busca por uma felicidade que está distante pode não ser necessariamente aquilo que de fato procuramos realmente.

Como consideração final e de forma que deixa mais claro o propósito a que se queria chegar, aproxima-se um trecho de Michel de Certeau sobre a felicidade:

Nada “obtem” da felicidade senão representações. Porquanto não parece haver felicidade senão onde o outro é a condição do ser, onde se faz a festa, onde a conservação dos bens é alterada por um dispêndio feito em nome de outrem, de um outro lugar ou de Outro, onde se interpõe a festa de uma generosidade comunicativa, de uma aventura científica, de uma fundação política ou de uma fé” (DE CERTEAU, 1995, p. 54).

Dessa maneira entende-se que a pós-modernidade, seu mal-estar, sua liquidez, os olimpianos, os laços frágeis e toda a falta de estrutura das relações humanas é que permite aos homens a busca por desejos que não são definitivamente reais.

Não dito antes, mas o título da crônica E aqueles olhos de comer..., foi escolhido justamente porque o primeiro contato com esses preceitos, desejos é permitido pelos olhos,



literalmente mas também de forma figurada uma vez que olhos não comem, isso é uma metonímia, figura de linguagem. Dessa maneira nada mais frágil que poder mastigar com os olhos, e tão sem vínculos. Essa explicação foi deixada para ser uma consideração final de propósito, por um motivo em específico, o ponto de partida ao mesmo tempo pode ser o final, a principal consideração que desejávamos atingir, é líquido, mas não impossível.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, C.F. **A Dama da Noite**. Porto Alegre: Agir Editora, 2006.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

CERTEAU, M. Cap.2 O imaginário da Cidade. In. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora: 1998.

HOLANDA, C.B. **Geni e o Zepelin**. In. Álbum Musical: Ópera do Malandro. Rio de Janeiro: Universal Music, 1980.

HOLANDA, C.B. **Roda Viva** In. Álbum Musical: Roda Viva. Rio de Janeiro: Universal Music, 1967.

MARTINO, L. M.S. **Teoria da Comunicação**. Idéias, Conceitos e Métodos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORIN, E. Os Olímpianos. In. **Cultura de Massas no século XX**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro, Record, 1998.

STUMPF, I.R. **Pesquisa Bibliográfica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TEIXEIRA, T.H.S. **E aqueles olhos de comer...** Teresina: Jornal Meio Norte, 2010.